



Reaberto Portão 15 na Xavier Krauss

Medida serve para melhorar o tráfego interno e facilitar acesso ao setor de pescado pela marginal Pinheiros

Jamir Kinoshita

Além da readequação viária promovida durante o Carnaval no Entrepasto Terminal São Paulo (ETSP), a CEAGESP acaba de reabrir a entrada e saída de veículos pelo Portão 15. O acesso, pela Rua Xavier Krauss (esquina com a Avenida Nações Unidas), é exclusivo para quem for ao setor de pescado.

O objetivo é facilitar a circulação e reduzir a quantidade de automóveis que entram pelo Portão 3 e se dirigem ao local. A avaliação inicial se mostra positiva. “Essa alteração diminuiu o tráfego interno e acelerou as atividades do pescado”, diz Wagner Ferrarin, responsável pelo Frigorífico de São Paulo (FRISP).

A reabertura do Portão 15 faz parte do programa de controle de acesso de carros e de monitoramento do trânsito interno no ETSP. Diariamente, circulam pelo Entrepasto cerca de 10 mil veículos. As últimas alterações realizadas foram



INACIO SHIBATA

Portão 15 foi reaberto e conta agora com cabine de identificação

amplamente discutidas pela CEAGESP em conjunto com o SINCAESP e a APESP. A comissão responsável vai ainda corroborar, em breve, os resultados alcançados.

As mudanças em andamento se somam a outras ações desenvolvidas, como a proibição de entrada de automóveis de passeio após às 16h30min durante os dias de semana. O acesso pelo Portão 3 só é per-

mitido quando ocorre o Varejão – aos sábados e domingos. Os motoristas que vierem ao Varejão Noturno devem continuar a usar o Portão 7.

O cadastramento de veículos que frequentam o ETSP para negócios permanece válido, com a distribuição de selos coloridos de identificação. A medida visa favorecer as operações de mercado, principalmente as de carga para os co-

merciantes que se abastecem no local.

Todas essas iniciativas integram o plano de modernização e revitalização da CEAGESP que inclui, entre outros pontos, a adoção de monitoramento eletrônico por câmeras de segurança, reforma do pavilhão do Mercado Livre do Produtor (MLP), recapeamento de ruas, além da troca e recuperação de telhados dos pavilhões.

Confira as últimas readequações viárias feitas no ETSP

- A entrada pelo Portão 3 permite o acesso direto para a Rua 8, que teve o sentido da mão invertida.

- Pelo Portão 13, os motoristas podem pegar diretamente a Rua 22, que virou mão dupla, assim como a Rua 11 (setor do pescado) até a esquina com a Rua 20 (frutas). Ainda pela mesma entrada, a Rua 17 também passou a ter sentido nas duas mãos até a esquina com a Rua 44 (batatas e diversos).

- O acesso à Rua 13, ao lado do pavilhão do MLP, foi invertido: agora, o tráfego deve ser feito pela Rua 22.

- O Portão 15 foi reaberto para facilitar o acesso de quem for ao setor de pescado.

CEAGESP depende da ação dos fiscais para o bom andamento do mercado

Inacio Shibata

Depois dos incidentes que ocorreram em março de 2014, quando ações violentas deprecaram e destruíram várias instalações dentro da CEAGESP, inclusive com o incêndio criminoso da sede da equipe de Fiscalização, houve necessidade de um adequação.

Se antes a atenção ao trabalho era grande, hoje é muito maior, principalmente pela mudança da percepção do que eles representam para o mercado.

Atualmente, os fiscais da CEAGESP atuam como os representantes da Companhia que estão na linha de frente junto aos permissionários. São eles que ouvem as reivindicações, reclamações, sugestões e pedidos de esclarecimento tanto de comerciantes quanto do público que frequenta o local.

São ainda os responsáveis



INACIO SHIBATA

Parte dos 33 fiscais de mercado: trabalho duro

pela manutenção das boas práticas, com o objetivo de proporcionar condições, direitos e deveres iguais a todos e, com isso, assegurar lisura na comercialização, transporte e distribuição dos produtos que entram na CEAGESP.

Para tanto, a equipe de 33 fiscais trabalha dividida em três turnos, com revezamento de

24 horas, sete dias por semana, para assegurar que tudo corra bem.

Não é um trabalho fácil. Em um mundo ideal, todos estariam a par das normas e regras estabelecidas pela empresa, não haveria infrações e o trabalho dos fiscais se resumiria às atividades mais administrativas, como emissão de relatórios, verifica-

ção de documentação e a fiscalização propriamente dita.

Infelizmente, isso está muito longe da realidade. Não são raros os dias em que os fiscais não sofrem com os constantes conflitos quando confrontam alguém cometendo uma infração, a qual, por sinal, eles têm obrigação de autuar, registrar e multar.

Nessas horas, é preciso ter muita calma e diplomacia, pois todos saem perdendo se um lado perde a compostura, dizem os fiscais. Eles são os primeiros a quem os frequentadores do mercado recorrem quando veem algo de errado ou se tiverem dúvida em relação a algum procedimento ou norma da CEAGESP.

“É nossa obrigação atender a todos os chamados que nos fazem, pois quando estamos andando no mercado, estamos representando a companhia”, resume um dos fiscais mais antigos em atividade, Luis Armando Cerda Kattan, que atua no mercado há mais de 30 anos.

“Por isso precisamos muito da colaboração e compreensão de todos que frequentam a CEAGESP, sobretudo dos permissionários, carregadores, ambulantes e o público em geral, pois o que fazemos é zelar pelo bem comum de todos”, finaliza.

Greve dos caminhoneiros não afetou o mercado

Levantamento da SEDES aponta que período registrou maior volume ofertado de produtos

Jamir Kinoshita

Bloqueio de estradas por caminhoneiros e, antes, as chuvas e as altas temperaturas no começo do ano. Muito se falou sobre a interferência desses fatores no abastecimento e na subida de preços dos produtos comercializados. Mas até que ponto isso é verdade? "A greve [dos caminhoneiros] não atrapalhou em nada a CEAGESP. O que tivemos foram alguns problemas muito pontuais, que não afetaram a quantidade ofertada nem os valores praticados. Algumas pessoas tentaram se aproveitar dessa situação para majorar preços", afirma o economista Flávio Luis Godas. Responsável pela Seção de Economia e Desenvolvimento (SEDES), ele supervisiona uma equipe que percorre, diariamente, o Entrepasto Terminal São Paulo (ETSP) para coletar informações sobre a comercialização dos produtos.

Tivemos excesso de chuvas e de altas temperaturas nos primeiros meses do ano. Até que ponto isso interfere na oferta de produtos?

Esse conjunto é o principal aspecto que interfere na oferta de legumes e verduras. O excesso de chuvas e as altas temperaturas, que ocorrem no verão, são normais. Isso, que acaba acontecendo no primeiro trimestre, é extremamente prejudicial, pois é quando, especialmente, os legumes e as verduras atingem o maior preço. Temos uma diminuição do volume ofertado, perda da qualidade e aumento dos preços. Há ainda o fato de que as pessoas preferem consumir, nessa época, alimentos mais leves e saudáveis. Trata-se, realmente, do período em que esses produtos alcançam o pico de preço.

O bloqueio de caminhoneiros nas estradas afetou de alguma forma o abastecimento na CEAGESP?

Não. A última semana de fevereiro, quando tivemos a paralisação, foi exatamente o período em que houve o maior volume ofertado. Tivemos alguns problemas muito pontuais, casos do mamão vindo da Bahia e da cebola proveniente de Santa Catarina. Mas nada atrapalhou a quantidade ofertada e os preços



Flávio Godas: é preciso tranquilidade na compra

praticados. Algumas pessoas tentaram se aproveitar dessa situação para majorar preços. Elas acabaram usando isso como desculpa, principalmente na ponta, no varejo. É importante deixar bem claro: a greve dos caminhoneiros não afetou a maioria dos produtos. O setor de verduras, por exemplo, vem 100% do próprio Estado de São Paulo, de regiões próximas à capital. Vi pessoas justificando o aumento do preço da alface em razão da paralisação, o que é um absurdo.

Então, não havia motivo algum para a dona de casa encontrar produtos mais caros na feira ou no mercado?

A greve dos caminhoneiros poderia ter afetado alguns poucos produtos. Porém, isso não aconteceu. Por outro lado, sem dúvida alguma, esse é o período em que o consumidor mais sente os efeitos negativos das condições climáticas. Como disse, chuvas e altas temperaturas são muito prejudiciais às hortaliças, principalmente àquelas mais sensíveis. Isso, sim, acaba diminuindo o volume ofertado e afeta a qualidade desses produtos, elevando seus preços tanto no atacado quanto no varejo.

O que podemos esperar se tivermos problemas maiores com a falta d'água?

No início de fevereiro estávamos muito mais preocupados. O nível do Cantareira chegou a 5%, o que acabou inibindo investimentos por parte do produtor rural, principalmente da região do Alto Tietê, deixando o cenário alarmante a médio e a longo prazo. Com os produtos que já estavam plantados não haveria muitos problemas. Porém, o produtor rural, deixando de investir por medo de não saber se teria água para irrigação, trouxe uma preocupação bastante grande. Mas houve muita chuva em fevereiro, o que amenizou essa situação. No início de março, o quadro ficou um pouco mais tranquilo em relação a fevereiro. Com isso, o produtor se sentiu mais propenso a investir. Esse é um setor que se restabelece rapidamente. Uma cultura de alface, por exemplo, com 40 dias já é possível se fazer a colheita. Março ainda deve ter preço elevado, mas a partir de meados de abril já deveremos voltar ao patamar tradicional em função do racionamento d'água e do clima. Com isso, os preços já devem caminhar para a normalidade.

Índice CEAGESP sobe 4,27%

No ano, a alta acumulada é de 7,20% e, nos últimos 12 meses, 4,19%.

Como ocorre historicamente, o Índice de Preços da CEAGESP fechou o primeiro bimestre do ano com forte alta. Do lado da oferta, os problemas climáticos em razão do excesso de chuvas e das altas temperaturas nas regiões produtoras, típicos do período de verão, continuaram a prejudicar a quantidade ofertada e a qualidade das hortaliças. Em relação à demanda, segue aquecida a busca por alimentos leves e saudáveis, exatamente os que mais sofrem os efeitos da situação climática adversa. Assim, os preços de legumes e verduras mantiveram-se em acentuada elevação.

Escassez de água

Mesmo com o aumento do nível dos reservatórios, notadamente Cantareira e Alto Tietê, responsáveis por abastecer importantes regiões produtoras do Estado de São Paulo, ainda não se descarta um possível rodízio de água nestes locais. Importante ressaltar que, no início de fevereiro, o nível dos reservatórios estava em situação muito mais alarmante, a falta d'água na irrigação era sentida na pele, com avisos de infração e lacração dos sistemas, em alguns casos. Portanto, o risco de um colapso era real, inibindo os investimentos na produção.

Com este cenário mais otimista em março, a propensão do produtor rural em retomar os investimentos tende a mudar positivamente. Essa injeção de ânimo, ocasionada pela maior incidência de chuvas e elevação dos reservatórios em fevereiro, é fundamental para o restabelecimento da normalidade, principalmente num cenário a médio e longo prazo.

Portanto, melhoraram as perspectivas, mas a situação ainda é bastante delicada e as chuvas nos próximos meses serão fundamentais para a definição do volume ofertado, qualidade da produção e dos preços nos próximos meses.

Caminhoneiros

Muito se noticiou sobre a possibilidade de desabastecimento na CEAGESP em razão da greve dos caminhoneiros.

Houve, de fato, alguns problemas pontuais como a diminuição da oferta de mamão oriundo da Bahia e Espírito Santo e da cebola procedente de Santa Catarina, porém, nada que pusesse em risco o abastecimento e o equilíbrio dos preços praticados, sequer nos produtos citados. Os efeitos sazonais e climáticos foram os principais responsáveis pelas variações de preços.

Aliás, não custa lembrar que mais de 50% da oferta tem como origem o próprio Estado de São Paulo que não apresentou nenhuma interrupção significativa no fornecimento de produtos.

Índices

O setor de frutas que seria potencialmente o mais afetado em razão das longas distâncias, caiu 1,64% em fevereiro. As principais quedas foram da uva niagara (-24,85%), abacate (-20%), limão taiti (-15,7%), goiaba (-12,1%) e maçã nacional gala (-11,4%). As principais elevações foram do morango (22,5%), banana prata SP (19,15%), manga tommy (17,8%) e abacaxi (17,6%).

O setor de legumes registrou alta de 30,10%. As principais elevações ocorreram na vagem (71,8%), ervilha torta (69,7%), tomate (51,4%), chuchu (41,8%), cenoura (41,7%) e abobrinha italiana (24%). Não houve quedas significativas no setor.

O setor de verduras apresentou aumento de 22,29%. As principais elevações foram do coentro (124,8%), couve-flor (41,2%), alface (40,6%), acelga (40%), agrião (29,1%) e espinafre (27,1%). Somente o repolho (-7,1%) registrou recuo no preço.

O setor de diversos subiu 6,41%. As principais altas foram do ovo branco (33,4%), ovo vermelho (32,3%), alho (3,7%) e coco seco (2,6%). As principais quedas foram da batata lisa (13,1%), e batata comum (-2,6%).

O setor de pescados caiu 5,46%. As principais quedas foram do namorado (-18,2%), pescada (-13,9%), robalo (-13%) e cação (-8,7%). As principais altas foram do espada (19,5%) e anchovas (7,9%)

Mulheres mostram a força feminina no ETSP

Thamara Bogolenta
Lucas Peragine

Em 8 de março de 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu um dia internacional para celebrar a importância da mulher para a sociedade. A data escolhida no entanto é fruto de um acidente ocorrido em 1857 na cidade de Nova York (EUA).

Um incêndio proposital tomou conta de uma fábrica de tecidos, após um grupo de mulheres, em meio a reivindicações, começar uma greve dentro do estabelecimento. As moças lutavam por melhores condições de trabalho, tal como diminuição da carga horária, igualdade de salários e tratamento digno no ambiente de trabalho.

A luta, porém, acabou com a vida de todas elas que, de forma intencional, vieram a óbito de uma maneira bastante brutal – carbonizadas. Mas tal sacrifício não foi em vão, pois a partir deste incidente, a mulher foi sendo valorizada e ocupando posições no mercado de trabalho que antes eram destinadas aos homens.

O mesmo pode ser observado no maior entreposto de frutas, legumes e verduras da América Latina, a CEAGESP, que recebe cerca de 50 mil pessoas diariamente. Desse número, 15 mil estão por aqui todos os dias: são funcionários, permissionários, carregadores, gente que está habituada à rotina do mercado. E é no meio desse mar de gente que algumas mulheres trabalham.

Com apenas 5% de representatividade no mercado, elas atuam como auxiliares administrativas, vendedoras autônomas e donas de bancas. Conheça algumas dessas batalhadoras.



Com apenas 5% de representatividade no mercado, as mulheres atuam como auxiliares administrativas, vendedoras autônomas e donas de bancas



Ana Paula Camila Aruda:

A estudante de Administração completou o primeiro ano de CEAGESP recentemente e conta que não sofre nenhum tipo de preconceito por ser mulher e que, na verdade, é bastante respeitada por seus colegas. “A única coisa que é um pouco ruim são as cantadas, são muitas e acontecem o tempo inteiro. Hoje eu já aprendi a ignorar, até dou risada com algumas”, completa a estudante.

Ana Paula afirma que gosta de seu local de emprego e que para ela não tem tempo ruim: “Mesmo não sendo minha função, se precisar carregar peso eu carrego, não tenho frescura”, conta.



Maria Ap. F. de Moraes:

A auxiliar administrativa trabalha no entreposto da capital há dois anos e afirma estar bastante feliz. Para ela, trabalhar dentro da CEAGESP não significa sofrer preconceito ou virar objeto de desejo dos homens. Maria conta que depois de tanto tempo trabalhando apenas com homens, todos viraram uma grande família e, se outro rapaz falar com respeito à moça, seus colegas a defendem.

Assim como Ana Paula (ver box ao lado), Maria também se diverte ao lembrar das cantadas que recebe: “Você se machucou quando caiu do céu?”, lembra a moça aos risos.



Rosa Mitiko Kuribayashi:

Dona de uma das barracas de legumes no Varejinho da CEAGESP, Rosa Mitiko Kuribayashi frequenta diariamente o mercado há mais de 20 anos. Rosa é bastante respeitada em seu local de trabalho e brinca que seu tempo já passou. Apesar das risadas e descontração, a japonesa mais animada do Varejinho lembra que já foi alvo de assobios, cantadas e viradas de olhos. Assim como nos outros casos, ela também atua em um ambiente predominantemente masculino. “Aqui todos conhecem minhas história, minha família, não mexem mais comigo”, completa.



Lucia Monteiro:

Há 12 anos trabalhando na Praça do Coco, Lucia Monteiro ou “Xuxa”, como é frequentemente chamada, é a personificação da feminilidade. Xuxa se entristece ao lembrar de sua luta contra o machismo e preconceito logo no começo de sua atuação na CEAGESP. Ela conta que ouviu alguns rapazes conversando e deixando claro que, por ser um ambiente dominado por homens, todas as mulheres que circulavam por aqui eram prostitutas. “A batalha foi grande, mas consegui convencê-los de que aquele conceito era falido. Depois desse incidente, nunca mais ouvi nem sofri algum tipo de preconceito. Se acontecesse, eu tomaria providências novamente”, diz Xuxa.

FLAMA se reúne na Argentina para debater ações no Mercosul

O gerente do Departamento do Entreposto da Capital (DEPEC), Edison Ignácio Marin da Silva, esteve no final de fevereiro na Argentina. Ele representou o Brasil no encontro dos membros do Mercosul na Federação Latinoamericana de Mercados de Abastecimento (FLAMA). Como coordenador da FLAMA no Mercosul, reuniu-se com membros da Argentina, Uruguai, Paraguai e Equador para debater, entre outros assuntos, a realização de encontros específicos para mesas de negócios entre empresá-

rios dos países-membros. Tratou ainda da possibilidade de se realizar intercâmbios e troca de informações entre as centrais de abastecimento que possuem terminais aduaneiros dentro do próprio espaço do mercado atacadista. A nova situação política de Cuba também foi tema das discussões, quando se falou da posição que a FLAMA deve adotar em relação a isso. Outro ponto de destaque foi o papel das feiras livres como importantes canais de distribuição de frutas, legumes e verduras.



DIVULGAÇÃO

Banco de Alimentos registra queda nas doações de frutas, verduras e legumes em fevereiro

Inacio Shibata

As doações ao Banco CEAGESP de Alimentos (BCA) no mês de fevereiro apresentaram queda de cerca de 8,84% em relação ao mesmo período do ano passado. Da média mensal de 147 toneladas doadas a mais de 150 entidades assistidas pelo programa em 2014, no mês passado o total de doações não ultrapassou 134 toneladas.

Depois de passar por uma seleção, o total doado resultou em cerca de 114 toneladas, que foram distribuídas da melhor forma possível para outros 19 bancos de alimentos da Grande São Paulo e 86 entidades que dependem das frutas, legumes e verduras (FLV) doadas por permissionários para alimentar pessoas em situação de risco.

“Somos muito gratos aos permissionários que colaboraram conosco, pois muitas pessoas realmente dependem dos produtos que enviamos para alimentar várias pessoas em situação de necessidade. Gostaríamos de pedir um auxílio àqueles que já fazem doações regularmente: se possível, que eles convidem e estimulem seus vizinhos de box e colegas de profissão a fazer o mesmo”, diz



INACIO SHIBATA

Alessandra Matias Figueredo, nutricionista que coordena os trabalhos no BCA.

CONSCIENTIZAÇÃO

Para tentar reverter e amenizar a situação das poucas doações, Alessandra e um grupo de estagiários em Nutrição que trabalham no BCA estão realizando uma campanha de conscientização

junto aos permissionários que ainda não fazem doações de maneira regular (ver matéria abaixo).

O intuito é ressaltar a importância dos alimentos doados pelos atacadistas na vida das pessoas que dependem da oferta de FLV, como moradores de rua, crianças, idosos, e outros indivíduos em situação de risco atendidos pelas entidades ligadas ao

Banco de Alimentos.

Das cerca de 1300 empresas que atuam dentro da CEAGESP com FLV, ou que possuem depósitos nas suas imediações, em 2014 somente cerca de 180 permissionários colaboraram com o BCA. Em fevereiro deste ano, o total de doadores foi de apenas 32 atacadistas. “Somos imensamente gratos por essa colaboração”, afirma Alessandra.

“O que observamos é que em algumas situações o permissionário, devido à sua logística, às vezes não tem tempo hábil de nos chamar para recolher a mercadoria que ele tem no box dele. Nesta campanha de conscientização junto aos atacadistas, queremos divulgar ainda mais o nosso número de telefone de contato, e assim acionar um dos dois caminhões que temos para recolher as doações, para que essa mercadoria chegue até nós e não tenha que ser descartada”, diz Alessandra.

“Ainda contamos com a colaboração dos carregadores voluntários, que estão identificados por boné e um adesivo colado nos seus carrinhos, e que podem também ser acionados pelos permissionários para transportar as doações até o Banco de Alimentos. Esperamos que com essa campanha de conscientização, o volume de doações aumente, pois muitas pessoas dependem desses alimentos”, finaliza.

SERVIÇO:

Para fazer doações ao Banco CEAGESP de Alimentos, ligue para 11-3643-3920 ou Nextel: 55*93*130994

Estagiários do BCA iniciam campanha no mercado para aumentar doações

Inacio Shibata

Caio Alves Stela e Paula Correa Antunes são estudantes do 7º semestre do curso de Nutrição da Faculdade São Camilo e fazem estágio no Banco CEAGESP de Alimentos (BCA). Desde março e até meados de abril, a dupla estará conversando com diversos permissionários com um propósito bem definido: conscientizar os mais de 1300 atacadistas do maior entreposto da América Latina a doarem o seu excedente de frutas, legumes ou verduras ao BCA, ao invés de jogá-los no lixo.

Com o apoio de funcionários do BCA, o plano é visitar pelo menos 200 empresas locais dentro da CEAGESP até abril. Será distribuído um panfleto explicativo falando da impor-

tância das doações, que atendem pessoas carentes, orfanatos, lares de idosos e moradores de rua, entre outros.

A meta com isso é aumentar o volume do recebimento das doações em 50% do que é obtido hoje. Em 2014 a média foi em torno de 160 toneladas por mês. Em média, após o descarte daquilo que está impróprio para consumo, foram distribuídos cerca de 147 toneladas de alimentos por mês para mais de 150 entidades.

A ideia surgiu de uma conversa dos estudantes com a coordenadora do BCA, a nutricionista Alessandra Matias Figueredo e a coordenadora do estágio do curso que frequentam, Claudia Farhud, em que foi observado que pouco mais de 13% do total de permissionários



LUCAS PERAGINE

Caio e Paula querem conscientizar permissionários sobre importância das doações

da CEAGESP fazem doações regularmente ao Banco de Alimentos. A proposta é que a campanha de conscientização

tenha continuidade e seja feita também pelos próximos estagiários, que chegarão depois de abril ao Banco de Alimentos.

Alimentos mais doados em fevereiro

FRUTAS

- maçã
- coco
- mamão
- banana
- manga

LEGUMES

- tomate
- cenoura
- berinjela
- pimentão
- pimenta

VERDURAS

- milho
- acelga
- salsa
- repolho
- alface

DIVERSOS

- batata
- cebola